

Gilberto Menezes Côrtes



De boas intenções, *Economia Brasil* o FMI está cheio

Sobrinho do falecido presidente Tancredo Neves e herdeiro da sabedoria política das Geraís, o ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, diz: "Mineiro só escreve carta depois de receber a resposta."

Se o conselho fosse seguido, muita gente evitaria dissabores. A começar pela equipe econômica e a atual direção do Fundo Monetário Internacional, que desembarcou ontem em Brasília missão para reescrever, de comum acordo, o que foi escrito pelo Brasil há pouco mais de um mês.

Quando o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, enviaram no começo de dezembro a carta de intenções que amarrava o crédito global de US\$ 41,5 bilhões do FMI, BID, Banco Mundial e BIS, o governo não pensava em desvalorização.

É verdade que o FMI sugeriu a medida em conversas reservadíssimas e que a questão gerou *racha* no governo, que opôs o então ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, e seu irmão, José Roberto Mendonça de Barros (ambos favoráveis à liberação), a Malan, a Franco e ao diretor de Política Monetária do BC, Francisco Lopes. Lopes veio a suceder Franco e a anunciar a liberação do câmbio depois que o Brasil perdeu US\$ 40 bilhões em seis meses, após a moratória russa.

Depois que a âncora cambial foi levantada e o real caiu, todas as metas do déficit fiscal (primário e nominal), das balanças comercial e de serviços, e da trajetória da inflação, dos juros e das reservas cambiais precisam ser revistas.

Esta será, portanto, a nona (não a de Beethoven) carta de intenções trocada entre o Brasil e o FMI (incluindo a negociada no governo JK, que nem serviu de garantia a um desembolso que não veio, como agora).

Se o governador Itamar Franco – que não é mineiro, pois nasceu num navio, na costa baiana – seguisse a máxima, não teria complicado o jogo do real (do qual se diz pai) anunciando a moratória antes de esgotar os canais de negociação e o prazo de pagamento.